

GÍRIA E DIVERSIDADE SEXUAL: INTERAÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS

Nilton Tadeu ALONSO¹

RESUMO: Com base em *corpus* constituído a partir de pesquisa de campo nas regiões paulistanas do Centro e dos Jardins, de fevereiro a agosto de 2004, uma vez registrados os vocábulos, propõe-se uma análise metodológica por campos léxico-semânticos. Numa perspectiva sociolingüística, tenciona-se refletir sobre as construções sócio-culturais e identitárias dos falantes que compõem o grupo social secundário da diversidade sexual, centrando-se na análise dos processos de construção de sentido presentes nos vocábulos gírios dos homossexuais masculinos, bem como no estabelecimento de relações entre os papéis sociais e os sentidos aplicados aos significantes gírios. Oscilando entre o segredo e o riso, o uso secreto, restrito e efêmero do signo de grupo permite reconhecer uma dinâmica lexical que é retroalimentada por um processo sócio-cultural mais amplo, perpassado, freqüentemente, pelos estereótipos. Aplicando-se noções de análise do discurso, principalmente as de Fairclough (2001), observa-se um movimento contínuo, interdependente e tenso entre linguagem e comportamento (individuais e sociais), movimento que também se mostra presente no processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: gíria; diversidade sexual; estereótipo; riso.

Um contexto e alguns conceitos

A noite paulistana, principalmente as regiões do Centro e dos Jardins, concentra, ainda em 2008, uma diversidade de grupos, cujas afinidades podem estar relacionadas à música, à moda, ao esporte, ao lazer, ao sexo.

Um exemplo dessa concentração é a Rua Augusta, revitalizada no sentido Centro, devido, em grande parte, aos grupos teatrais instalados próximos à Praça Roosevelt e à consolidação do Shopping Frei Caneca como ponto de encontro de homossexuais.

¹ PUC-SP, Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa (Doutorando). Rua Desembargador Vale, 900, apto. 103, Pompéia, CEP 05010-040, São Paulo – SP, Brasil. niltontadeualonso@uol.com.br

Esse processo de revitalização adquiriu um ritmo maior desde que as casas noturnas e os bares que se localizavam no entorno da Rua da Consolação migraram, a partir de 2005, para outras áreas.

O que se observa em agosto de 2008 é o mesmo que se pôde constatar de fevereiro a agosto de 2004, por pesquisa de campo (ALONSO, 2005), nessas mesmas regiões, ou seja, é um entorno que tanto expõe vários grupos que compõem uma sociedade quanto expõe os vários comportamentos sexuais presentes num dado agrupamento.

Neste trabalho, por *grupo social* entende-se uma “reunião de indivíduos que interagem entre si de formas sistemáticas” (GIDDENS, 2005, p. 568) e esses membros possuem “uma consciência de identidade comum” (idem).

Um dos critérios de aglutinação que permite identificar um determinado grupo social pode ser o da orientação sexual.

A noção de *heterossexismo* permite-nos preparar um reconhecimento organizacional da diversidade sexual, posto que é “o processo pelo qual os indivíduos não-heterossexuais são categorizados e discriminados em função de sua orientação sexual” (ibid.)

Por essa conceituação, os agrupamentos humanos seriam compostos por um grupo restrito, formado por uma única orientação sexual (heterossexual), e um grupo amplo, com várias orientações (não-heterossexual).

Essa reunião de indivíduos não-heterossexuais vem adquirindo, a cada ano, maior visibilidade social e midiática, como corroboram as várias edições da “Parada do Orgulho Gay”, sendo a de São Paulo já consagrada, desde 2005, como a maior do mundo.

A própria ampliação e atualização da sigla da Parada reflete essa busca pela visibilidade.

Conhecida como a “Parada do Orgulho Gay”, na região central paulistana popularizou-se a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). A seguir, passou-se a identificar tal evento como “Parada GLBT” (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros – Travestis e Transexuais). Na seqüência, “GLBTS” (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros – Travestis e Transexuais – e Simpatizantes). Atualmente, “GLBTTS” (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Simpatizantes).

A própria expansão do registro lexicográfico da sigla evidencia um processo social que visa ao desenvolvimento e à implantação de uma política de tolerância para a manifestação e a convivência das diversas orientações sexuais num contexto de valores predominantemente regidos pela orientação majoritária, a heterossexual.

Duas pontes de diálogo também podem ser identificadas na trajetória dessa sigla: a permanência do G (Gay) e a inclusão do S (Simpatizante).

De certo modo, a permanência do *G* ratifica um percurso histórico-social com o qual as sociedades têm convivido, ao menos tacitamente, com o que se denominou, de modo genérico, *homossexual*.

Também de certa maneira, a inclusão do *S* parece indicar um maior grau de tolerância por parte daqueles que convivem numa dada localidade e/ou em determinadas situações do cotidiano, seja por interesse, por pressão sócio-governamental ou por liberalidade.

Essa visibilidade e essa tolerância passam, ao menos, por dois pontos: pelo combate à homofobia e pela afirmação da identidade (individual e grupal).

Entende-se por *homofobia* o “temor irracional ou desdém pelos homossexuais” (ibid.).

Acompanha-se, neste trabalho, a seguinte noção de *identidade*:

Características distintivas do caráter de um indivíduo ou de um grupo relacionadas a quem eles são e ao que é significativo para eles. Algumas das principais fontes de identidade incluem o gênero, a orientação sexual, a nacionalidade ou a etnicidade e a classe social. Um marcador importante da identidade de um indivíduo é o seu nome, e nomear também é importante para a identidade de grupo. (GIDDENS, 2005, p. 568-9)

Essa questão da nomeação encaminha-nos para o objeto de estudo deste artigo: a gíria enquanto seleção lexical que busca tanto a expressividade quanto a interação comunicacional.

Vocábulo gírio: signo e grupo

Num dado grupo social, os indivíduos tendem a apresentar uma propensão para a ação, para a interação, para a comunicação e, na medida das regras de convívio e da vontade pessoal, para a expressão.

Quanto aos vocábulos, às palavras em uso, Vanoye assim declara:

A comunicação pressupõe que os indivíduos têm um repertório de palavras em comum e compreendem tais palavras do mesmo modo. Entretanto, se a rigor é possível chegar a um entendimento sobre as palavras concretas, não se dá o mesmo em relação às palavras abstratas, de significado mais frouxo e mais disperso. A compreensão só pode ocorrer na medida em que uma palavra apresenta para vários indivíduos um certo grau de uniformidade, fixado pelo uso da língua. Em outras palavras, não existe um sentido comum genuíno, mas sim uma espécie de acordo implícito sobre o uso e a aplicação das palavras. Além disso, certos comportamentos não-verbais podem transformar o sentido de uma palavra: expressão fisionômica, gestos, tom de voz, etc. (2003, p. 26)

Justamente esse *acordo implícito* a que se refere Vanoye é que sustenta o processo de comunicação entre o grupo dos falantes que compõem a diversidade sexual freqüentadora da noite paulistana, nas regiões do Centro e dos Jardins.

Esses falantes, segundo os registros obtidos por pesquisa de campo, empregam as palavras que compõem o seu cotidiano e também o cotidiano da maioria dos membros que compõem a comunidade de fala paulistana, e atribuem a esse signo lingüístico um sentido peculiar, um significado restrito, geralmente acessível apenas aos freqüentadores mais assíduos e/ou já conhecidos.

Antes de exemplificar o declarado acima, torna-se necessária uma distinção entre *gíria comum* e *gíria de grupo*:

Quando falamos em *gíria*, devemos ter presente um fenômeno tipicamente sociolingüístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a primeira, a da chamada *gíria de grupo*, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. No primeiro caso, estão os grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões, aos pontos de encontro nos *shoppings*, à universidade, etc.; no segundo, estão os grupos comprometidos com as drogas, com a prostituição, com o homossexualismo, com o roubo e o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões, etc.

Uma segunda perspectiva, a da *gíria comum*, é a que estuda a vulgarização do fenômeno, isto é, o momento em que, pelo contato dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem se divulga, torna-se conhecida, passa a fazer parte do vocabulário popular, perdendo sua identificação inicial. (PRETI, 1996, p. 139-40)

Ainda em agosto de 2008 se pode afirmar que os indivíduos que compõem o grupo da diversidade sexual tanto se afastam do comportamento da maioria (da orientação sexual majoritária, a heterossexual) quanto se envolvem em conflitos com alguns grupos sociais (como atestam os crimes e as violências cometidos contra os “homossexuais”, além do próprio tema da última parada, contra a homofobia).

Nesse contexto ainda não tão tolerante, nem tão pacífico, a gíria enquanto signo de grupo firma-se como um instrumento de defesa, na medida em que aquilo que é dito só pode ser entendido por aqueles que conhecem o sentido hermético, secreto e fechado atribuído pelos falantes do grupo.

Mas a particularidade do significado não é imutável. Ao contrário, na proporção em que se torna conhecido por muitos simpatizantes e começa a ser divulgado para outros grupos, a tendência é a de mutação de sentido ou de resignificação.

A esse percurso do signo de grupo no meio social, Preti (2003, p. 53-4) denomina *dinâmica lexical*.

Exemplificando, retornemos ao *G* que compõe a sigla da “Parada do Orgulho Gay”.

Além de atender ao princípio de economia que tende a vigorar na conversação, o *G* da sigla GLBTTS é uma redução de *gay*, palavra de origem inglesa que denota *alegre*.

O uso do estrangeirismo poderia levar-nos a considerações sobre o prestígio lingüístico, mas nos afastaríamos do objeto de análise do presente artigo, razão pela qual não abordaremos tal questão.

Se o sentido denotativo é alegre, e, na *gíria comum*, o sentido conotativo é homossexual, enquanto signo de grupo os sentidos são, senão distintos, portadores de vários outros semas.

No léxico popular, o vocábulo *gay*, embora mais empregado aos homossexuais masculinos, tanto é utilizado para designar homens como para designar mulheres homossexuais.

Em uso restrito, isto é, entre os falantes que compõem o grupo da diversidade sexual e que freqüentam a noite paulistana em dadas regiões, *gay* é uma forma de

chamamento exclusiva para homossexuais masculinos que apresentam atributos como beleza, elegância, educação, atributos valorados como positivos pelos integrantes desse grupo, os quais serão ainda mais apreciados se a eles for agregado o sema masculinidade.

Continuando no estabelecimento de paralelos entre o uso comum e o uso específico, o *gay*, no nível popular, remete à feminilidade, a trejeitos femininos que tendem a compor o estereótipo do homossexual, enquanto que, no uso pelo grupo restrito, remete à predominante ou total ausência de feminilidade.

Amossy declara que a palavra *estereótipo*

começa a aparecer nas ciências sociais no início do século XX, por ocasião de uma experiência de Lippmann (1922), para quem os estereótipos são imagens prontas, que medeiam a relação do indivíduo com a realidade. Em seguida, a psicologia social e a sociologia viram neles representações coletivas cristalizadas, crenças pré-concebidas freqüentemente nocivas a grupos ou a indivíduos. O termo “estereótipo” foi retomado em semântica por Putnam (1970), que o define como uma idéia convencional associada a uma palavra. (In: CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 213)

A mesma autora declara ainda que o estereótipo

designa antes de tudo uma representação dividida, ou seja, por um lado, uma representação coletiva, que subentende atitudes e comportamentos (segundo as ciências sociais) e, por outro, uma representação simplificada, que é o fundamento do sentido ou da comunicação (segundo as ciências da linguagem). (id.)

Pelos traços semânticos registrados para o vocábulo *gay* no grupo da diversidade sexual e pelos traços observados para o mesmo vocábulo na comunidade paulistana de falantes, pode-se constatar que os estereótipos são diferentes, tanto na representação coletiva quanto na representação simplificada.

Conforme citado por Amossy, Lippmann (1922) permite-nos reconhecer que tanto o estereótipo quanto a linguagem medeiam a nossa relação com a realidade. Mediação e interação que são efetivadas, em grande parte, pela fala, pela prática discursiva.

Ao pesquisar sobre a linguagem dos homossexuais, Silva faz a seguinte declaração:

[...] Em geral, essa linguagem possui aspectos quase sempre de leveza e comicidade, semiliterário ou esnobe, com utilização, conforme se focalizam os homossexuais de categoria social mais baixa, de gíria de outros grupos marginais ou criminais, em razão do contato mais intenso com esses grupos. Facilmente integrada, a gíria surge em *cliques*, em grupos em que há grande senso de camaradagem e solidariedade grupal fundamentada na similaridade de interesses. Os homossexuais têm um imenso talento para criar gírias de vida, geralmente, muito limitada, e não é raro encontrá-las com significados apenas dentro de uma determinada *clique* ou de um reduzido grupo de pessoas. A sofisticação de atitudes e comportamentos, e mesmo a mímica, têm uma importância fundamental na comunicação e inclusão dos símbolos na sua linguagem. Nas relações intragrupal, existe uma verdadeira competição na vivacidade de linguagem pelo pitoresco, pelo bizarro, ou pelo obsceno, que muito contribui, dirigido pelo modismo, para o aparecimento e substituição contínua de novos termos. (2005, p. 147-8)

Se ao sentido alegre, originário de *gay*, aliarmos a vivacidade destacada por Silva (2005), constatamos que o riso deve perpassar o cotidiano dos falantes que integram o grupo da diversidade sexual.

Mas, se essa construção expressiva dialoga com o pitoresco, com o bizarro e com o obsceno, o riso geralmente obtido pela junção de elementos lingüísticos e paralingüísticos tende a dialogar com a irreverência, com a descontração e com a distensão.

Uma situação e vários risos: distância ou aproximação?

Dois homossexuais masculinos estão descendo pela Rua Augusta em direção ao Shopping Frei Caneca quando um deles olha para o outro e diz:

— Acho que vi uma frutinha!

O outro, percebendo do que se tratava, deu um sorriso e, logo após, os dois começaram a rir longamente.

O riso, por si só, já deixa claro que não se trata de uma fruta pequena caída na rua. Claramente estamos no campo da conotação.

Além de acionar uma informação prévia, a da semelhança dessa fala com a fala do personagem Piu Piu (de um desenho animado), comparação que já poderia levar ao riso (mesmo que excluíssemos todos os elementos paralingüísticos), o risível decorre do sentido criptológico atribuído ao vocábulo *frutinha*.

Como signo de grupo, *frutinha* possui dois sentidos, que podem ocorrer isolados ou conjuntamente: pode designar o homossexual masculino com menos de 25 anos, e/ou o homossexual muito efeminado.

O próprio sufixo *-inha* já permitiria três interpretações. Para a primeira significação, caracterizando a pouca idade, a juventude ou a jovialidade, poderia acrescentar um valor afetivo positivo, como a vivacidade ou a pouca experiência, pouca vivência.

Na segunda significação, o mesmo sufixo adquire um valor afetivo negativo, pejorativo, pois evidencia o julgamento do excesso de trejeitos femininos como um comportamento reprovável.

A terceira significação, que reuniria as duas anteriores, daria a tal sufixo um valor afetivo negativo, pejorativo, posto que o critério de masculinidade prepondera sobre o critério da idade.

Note-se o uso da desinência *-a* para marcar o gênero. Ainda que seja do sexo masculino, é freqüente o registro de formas de chamamento que enfatizam o gênero feminino nas conversações entre os falantes que compõem o grupo da diversidade sexual paulistana, particularmente os homossexuais masculinos e os travestis.

Esclarecidos os sentidos interpretativos possíveis, podemos iniciar algumas considerações sobre o riso dos dois homossexuais naquela situação.

Alberti, discorrendo sobre a teoria de Ritter, destaca relações entre o riso e a noção de pertencimento:

O “pertencimento secreto do *nada* ao *Dasein*” pode constituir uma armadilha para a compreensão da teoria de Ritter. Pinçada do texto, a fórmula exerce sem dúvida um fascínio especial, mas, para Ritter, trata-se claramente da participação daquilo que é excluído pela ordem em um todo que compreende tanto a ordem quanto o excluído. O riso revelaria assim que o não-normativo, o desvio e o indizível fazem parte da existência. Desse ponto de vista, a teoria de Ritter não está de modo algum sozinha no conjunto de reflexões contemporâneas sobre o riso. São inúmeros os textos que tratam do riso no contexto de uma oposição entre a *ordem* e o *desvio*, com a conseqüente valorização do não-oficial e do não-sério, que abarcaria uma realidade mais essencial do que a limitada pelo sério. (2002, p. 12, grifos da autora)

Na seqüência, a mesma autora enfatiza que da noção de pertencimento decorre a relação entre o riso e o pensamento:

[...] Para Ritter, o riso é o movimento positivo e infinito que põe em xeque as exclusões efetuadas pela razão e que mantém o nada na existência. Assim, segundo ele, o riso está diretamente ligado aos caminhos seguidos pelo homem para encontrar e explicar o mundo: ele tem a faculdade de nos fazer reconhecer, ver e apreender a realidade que a razão séria não atinge. Além disso — o que é fundamental —, o riso e o cômico tornam-se o lugar de onde o filósofo pode fazer brilhar o infinito da existência, que foi banido pela *ratio* como marginal e ridículo. O filósofo, diz Ritter, “coloca o boné do bufão” para se instalar no único refúgio de onde ele ainda pode apreender a essência do mundo. (idem)

Com este primeiro suporte teórico sobre o riso, podemos deduzir que, ao menos os dois homossexuais que riram ao ver uma *frutinha*, reconheceram-na (ao terceiro) como semelhante, como integrante do grupo da diversidade sexual. Os três personagens reconhecem-se como pertencentes a uma mesma realidade.

Nesse contexto, talvez por alguns momentos, o desvio seja inclusivo. O riso não deixa de dizer “nós o reconhecemos como semelhante”.

Mas semelhança não é igualdade. Precisamos, neste ponto, recorrer aos conceitos de *riso de acolhimento* e *riso de exclusão*, propostos por Dupréel:

Recuando à primeira metade do século XX, mais precisamente a 1949, temos Eugène Dupréel, que desenvolve os conceitos de “riso de acolhimento” e “riso de exclusão” para explicar o que chama de “fenômeno integral do riso” enquanto “síntese de alegria e de maldade”. O riso seria uma manifestação de alegria pela satisfação de estar reunido, mas também expressão da maldade do grupo que ri de um personagem ridicularizado. (Alberti, 2002, p. 28)

Com tais conceitos, somente pelo critério etário, a *frutinha* teria recebido um *riso de acolhimento*. Só pelo critério de masculinidade, a *frutinha* teria recebido um *riso de exclusão*. Por ambos critérios, a mesma *frutinha* também teria recebido um *riso de exclusão* e, provavelmente, de ridicularização.

Pelas duas últimas hipóteses, ainda que observado o pertencimento, há uma escala ascendente do riso como forma de violência, pois, na primeira, reconhece como semelhante e exclui, recusa a aproximação, e, na segunda, recusa um contato pela imediata ridicularização.

Para possibilitar o reconhecimento de outros elementos presentes na situação narrada, estas palavras de Alberti são pertinentes:

A interpretação do riso como síntese de prazer e desprazer é recorrente nas teorias sobre o assunto. O fato de o riso ser expressão

de alegria, mas também de malícia em relação àquele de quem se ri impede que se lhe confira um valor positivo. O estudioso do riso pode embarçar-se diante da vontade de situá-lo entre as manifestações de libertação da ordem estabelecida — rimos todos juntos da norma — e a constatação de que não raro é a afirmação mesma da ordem que está em jogo — as piadas racistas, por exemplo, não nos unem contra a norma. Para solucionar esse impasse muitas vezes caracteriza-se o riso como fenômeno sobretudo “humano”: ele encerraria concomitantemente os lados “bom” e “mau” de nossa “natureza”. (2002, p. 29)

Se na primeira hipótese, o *riso de acolhimento* poderia gerar prazer na *frutinha*, na medida em que poderia ser manifestação de alegria, a esse riso poderia ser atribuído um valor positivo.

Nas possibilidades seguintes, no entanto, provavelmente seria gerado o desprazer, uma vez que a malícia e a ridicularização contribuiriam para aumentar o valor negativo atribuído ao *riso de exclusão*.

Novamente citando Alberti (2002, p. 31), o “potencial regenerador e às vezes subversivo do riso e do risível é um lugar-comum presente em quase todos os estudos.”

E prossegue:

[...] Para Robert Escarpit, por exemplo, o humor permite “romper o círculo dos automatismos que a vida em sociedade e a vida simplesmente cristalizam em torno de nós”. Luiz Felipe Baêta Neves (1974) opõe o riso e o cômico à “ideologia da seriedade” e acredita no poder heurístico do cômico, pleiteando que se considere a comicidade uma forma específica de conhecimento do social e da leitura crítica da opressão. Leandro Konder, em agradável estudo sobre o barão de Itararé (1983), sublinha o papel do humor como desmistificador da ideologia dominante e, por isso, emancipador, destacando ainda seu caráter libertário e sua capacidade de trazer o novo. (idem)

Seja como for, seja qual for o motivo que levou aqueles dois homossexuais a rirem da *frutinha*, a simples presença da fala humorada já foi capaz de romper o automatismo da caminhada em direção ao centro de consumo.

Além desse fato, isto é, rompido o automatismo na prática das coisas e dos atos da vida cotidiana, o olhar dos dois homossexuais estava direcionado também ao entorno, a tal ponto que reconheceram a presença do terceiro homossexual, e, na seqüência, podem tê-lo acolhido ou excluído (aqui, reiterando a ainda persistente força opressora da sociedade majoritariamente heterossexual).

Outra conseqüência dedutível dessa situação seria tanto o seu caráter libertário quanto o seu caráter inovador. Incluída, a *frutinha* reforçaria a sensação de pertencimento. Excluída, mesmo ridicularizada por dois indivíduos com a mesma orientação sexual que a sua, a *frutinha* dificilmente ficaria ou se sentiria constrangida.

Pelo raciocínio até então desenvolvido, o riso foi o elemento desestabilizante numa dada produção textual oral, posto que rompeu a cadeia enunciativa denotativa, subvertendo-a pela conotação, revelando a identificação de uma conduta individual e grupal alternativa.

Nesse contexto, a prática discursiva recai principalmente sobre o vocábulo, sobre a seleção lexical do falante, aproximando-a de modos de análise destacados por Fairclough, como seguem:

Um foco de análise recai sobre as lexicalizações alternativas e sua significância política e ideológica, sobre questões, tais como a 'relexicalização' dos domínios da experiência como parte de lutas sociais e políticas (é bem conhecido o exemplo de relexicalização de 'terroristas' como 'lutadores pela liberdade' ou vice-versa), ou como certos domínios são mais intensivamente lexicalizados do que outros. Outro foco é o sentido da palavra, particularmente como os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas: quero sugerir que as estruturações particulares das relações entre as palavras e das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia. Um terceiro foco recai sobre a metáfora, sobre a implicação política e ideológica de metáforas particulares e sobre o conflito entre metáforas alternativas. (2001, p. 105)

Se concebermos a seleção lexical como uma forma de exercício de poder individual sobre o legado lingüístico-cultural de uma nação, seremos obrigados a reconhecer no emprego de dado vocábulo uma intenção política do falante.

No campo da sexualidade, um exemplo é a alteração terminológica adotada há alguns anos ao se falar de orientações sexuais: passou-se de homossexualismo para homossexualidade.

Essa aparente “simples” mudança de sufixo possui uma ampla gama de interesses grupais e governamentais. O sufixo *-ismo* ainda remetia à noção de doença, de distúrbio, de desvio psicofísico, reforçando o preconceito.

O sufixo *-idade*, além de deslocar o tema do campo médico-psiquiátrico para o campo jurídico-social, com o auxílio da Psicologia, da Antropologia e de outras ciências, contribuiu para divulgar campanhas publicitárias de tolerância e para divulgar termos contemporâneos como homoafetividade e homocultura.

Aquilo que pode parecer simples mudança lexical, alteração no registro fonomorfológico, indica uma atuação política de vários grupos sociais, com os mais variados interesses (econômicos, turísticos), atuando tanto na esfera privada como na esfera pública, visando à difusão de uma política “altruísta” de tolerância, quando, num plano ideológico profundo, o que vigora parece ser a incessante expansão do mercado de consumo, do número de consumidores.

Se essa prática discursiva facilita e proporciona maior visibilidade aos grupos minoritários, por outro lado, contribui para expandir o processo de individualização, em detrimento do processo de pessoalização.

Talvez a irreverência, de forma recorrente atribuída ao *gay*, seja um dos modos que ele tenha encontrado para, pelo riso, subverter a força hegemônica do processo de

massificação, empregando a ironia e o sarcasmo também como meios lingüísticos de expressão da sua identidade.

Gíria e diversidade sexual: variações e ensino

Assim como a Orientação Sexual é uma disciplina importante para desenvolver noções de sexualidade e de comportamento sexual, desvinculada de valores morais ou religiosos, a Semântica é outro campo que merece especial atenção no ensino de língua (materna ou estrangeira).

Resultado do percurso histórico-cultural de uma nação, o léxico de uma comunidade de falantes evidencia os valores de um agrupamento social, o qual, normalmente, apresenta variações que devem ser constatadas, pesquisadas, analisadas, divulgadas e respeitadas, principalmente com o auxílio da Sociolingüística.

A escola deve primar pelo ensino da modalidade escrita, mas, nem por isso, deve ignorar a apresentação das variações e deixar de incentivar a pesquisa das mesmas, posto que, como se tentou demonstrar, variações léxico-semânticas apontam para possibilidades alternativas de convívio social, para novas perspectivas, para outros pontos de vista, e que, também pelo estudo do riso, podem contribuir para um diálogo mais amplo e tolerante entre os vários grupos.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ALONSO, Nilton Tadeu de Queiroz. *Do Arouche aos Jardins: uma gíria da diversidade sexual*. São Paulo, SP: 2005. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

AMOSSY, Ruth. Estereótipo. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Trad. (coord.). Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Trad. (coord.). Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Trad. Sandra Regina Netz. 4. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

PRETI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In: PRETI, Dino (org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003, p. 47-67.

_____. A gíria na cidade grande. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, 1996, v. 54, p. 139-43.

SILVA, José Fábio Barbosa da. Aspectos da vida homossexual. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem*. Problemas e técnicas na produção oral e escrita. Trad. Clarisse Madureira Sabóia et al. 12. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.